

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SANDRA MARA MOSKUEN

**COMPREENDENDO E DIALOGANDO A INDISCIPLINA ESCOLAR
NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA JUDITH GOSS DE LIMA**

CURITIBA

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR-
DEPLAE

ESCOLA DE GESTORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM COORDENAÇÃO
PEDAGÓGICA

Compreendendo e dialogando a Indisciplina Escolar na Escola Municipal

Professora Judith Goss de Lima

Sandra Mara Moskuen

Orientador: Prof. Drdo. Antonio Charles Santiago

CURITIBA

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SANDRA MARA MOSKUEN

**COMPREENDENDO E DIALOGANDO A INDISCIPLINA ESCOLAR
NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA JUDITH GOSS DE LIMA**

Trabalho de Graduação apresentado à
disciplina de Metodologia, turma
Palmeira, do Curso de Especialização
Lato Sensu em Coordenação
Pedagógica, MEC/UFPR.

Área de concentração: Educação.

Linha de Pesquisa: Indisciplina Escolar

Orientador: Prof. Drdo. Antonio Charles Santiago

CURITIBA

2014

Compreendendo e dialogando a Indisciplina Escolar na Escola Municipal Professora Judith Goss de Lima

Sandra Mara Moskuen¹

Resumo:

A indisciplina observada nos 1º e 2º anos do ensino fundamental de nove anos levou a uma pesquisa focalizando o que os pais, os professores e alunos pensam sobre indisciplina escolar e quais seriam os papéis da família e da escola no processo de construção de regras com as crianças. O estudo teve como referência diversas abordagens existentes no campo teórico sobre a indisciplina escolar. A pesquisa de campo foi realizada através da aplicação de questionários para professores e entrevistas para pais e alunos na comunidade escolar da Escola Municipal Professora Judith Goss de Lima – União da Vitória-PR. Através dos dados coletados foi possível identificar fatores que nos permitem compreender algumas das causas da indisciplina escolar, proporcionando a discussão com o objetivo de apontar alternativas que favoreçam a resolução de situações indisciplinares.

Palavras-chave: Educação. Indisciplina. Discussão.

Abstract:

The indiscipline observed in the 1st and 2nd years of the nine years in the elementary school has led to a research focusing on what parents, teachers and students think about school indiscipline and what would the family and school roles be in the process of children's rules development. The study had several theoretical references based on school indiscipline. The field research was conducted through questionnaires and interviews made to teachers, parents and students from the school community of Professora Judith Goss de Lima Municipal School –União da Vitória-PR. Through the collected data, it was possible to identify factors that help us understand some of the causes of school indiscipline, providing discussion with the aim of identifying alternatives that promote the resolution of undisciplined situations.

Keywords: Education. Indiscipline. Discussion.

¹Graduada em Ciências e Matemática, Especialista em Pré e séries Iniciais e Gestão Escolar, especializando em Coordenação pedagógica pela UFPR. Coordenadora pedagógica da Escola Municipal Professora Judith Goss de Lima, União da Vitória-PR. msandramara@yahoo.com.br

1. Indisciplina como realidade escolar

A indisciplina vem sendo discutida há muito tempo, o que tem despertado uma grande preocupação são os alunos do 1º e 2º ano do ensino fundamental apresentar atitudes indisciplinadas, e que estas acabam interferindo na aprendizagem não somente dos que apresentam as atitudes, mas da turma em geral e desestruturando professores comprometidos com a educação. O principal objetivo deste artigo é refletir e dialogar com toda a equipe escolar sobre os motivos que levam os alunos a serem indisciplinados.

A indisciplina é muito difundida no meio educacional e compreendida como manifesta por um indivíduo ou um grupo, com um comportamento inadequado em sinal de rebeldia, desacato, trazido na falta de educação ou de respeito pelas autoridades, na bagunça ou agitação dos comportamentos esperados. (REGO 1995, p. 84)

Sendo assim, a conversa, a inquietação, a desatenção e muitas vezes o desafio explícito, assim como a quebra das regras pré-estabelecidas pelos alunos são vistas como indisciplina. Não se espera alunos que acatem toda e qualquer regra, mas quando são construídas em conjunto com o professor e o grupo de alunos, combinadas por todos, devem sim fazer parte do dia a dia. O professor, da mesma forma que seus alunos, precisa ter em mente a objetividade das aulas, a condução desta, havendo empatia entre professor e aluno. Segundo Rego muitas regras existem para que a escola possa contribuir na formação do aluno como um cidadão digno, responsável de viver em sociedade, que dialogue e tenha controle sobre suas ações e emoções, sabendo respeitar as normas impostas em uma sociedade, atingindo assim uma educação fundamental.

A maior preocupação dos professores é a aprendizagem, não se espera alunos sentados em fileiras e em silêncio como nas Escolas Tradicionais, mas alunos participativos, críticos e conscientes do seu papel enquanto construtores do próprio conhecimento, mas que saibam respeitar regras, assegurando o seu direito e dos colegas de aprender em um ambiente onde haja colaboração e respeito. Dessa maneira,

A educação ativa formal é dada pela escola. Porém, a educação global é feita a oito mãos: pela escola, pelo pai e pela mãe e pelo próprio adolescente. Se a escola exige o cumprimento de regras, mas o aluno indisciplinado tem a condescendência dos pais, acaba funcionando como um casal que não chega a um acordo quanto à educação da

criança. O filho vai tirar lucro da discordância pais/escola da mesma forma que se aproveita quando há divergências entre o pai e a mãe. (TIBA 2006, p. 27)

Quando se trata de como a família conduz com a formação escolar, alguns deslizes acontecem: como acreditar que o papel da escola é educar, ou quando faz acusações contra a escola ou professor na frente do filho, desta forma a criança acaba não se esforçando e tendo um pretexto para não obedecer a regras, pois os pais sempre darão um “jeitinho” para resolver a situação, culpando a escola pelos atos dos filhos. A interação entre a família e a escola é imprescindível para o sucesso do processo ensino-aprendizagem e cumprimento de regras, quer dizer,

A origem dos comportamentos ditos indisciplinados pode estar em diversos fatores: uns ligados a questões relacionadas ao professor, principalmente na sala de aula; outros centrados nas famílias dos alunos; outros verificados nos alunos; outros gerados no processo pedagógico escolar; e outros alheios ao contexto escolar. (COBIANCHI 2009, p. 18)

Portanto, fica claro que não há uma causa única para a falta de disciplina na escola, podem ser um conjunto de fatores. Junto à família e ao professor, é imprescindível que o coordenador pedagógico e o diretor auxiliem neste processo, refletindo e planejando ações que minimizem o problema. Quais as principais causas da Indisciplina Escolar e como minimizar os problemas de indisciplina apresentados em sala de aula?

Atualmente a indisciplina em sala de aula tem sido uma grande preocupação para professores, coordenadores, diretores e também pais. Tiba (1998) entende por indisciplina o aluno que trás de casa a falta de limites não estipulados pelos pais e excedem em sala de aula. Atualmente, a maior parte das mães trabalha fora e na grande maioria levam os filhos bebês para os Centros de Educação Infantil ou quando têm condições financeiras pagam para alguém atender da criança, quando chegam a casa tentam compensar sua ausência deixando o filho fazer o que quiser, dando-lhe o que deseja, os pais ou agem assim ou o ignoram, quando a criança chega à escola acredita que será tratada da mesma forma. Assim,

Percebemos muitas famílias desestruturadas, desorientadas, com hierarquia de valores invertida em relação à escola, transferindo responsabilidades suas para a escola [...], a família não está cumprindo

sua tarefa de fazer a iniciação civilizatória: estabelecer limites, desenvolver hábitos básicos (VASCONCELLOS 1995, p. 22).

Observa-se a naturalidade que os casais separam-se, infelizmente separando-se também dos filhos, crianças que vivem com avós ou tios, estes empurram a responsabilidade de educar para a escola, e há as escolas que muitas vezes não estabelecem regras com objetividade, o que acaba contribuindo para que muitos alunos extrapolem e ajam de forma a prejudicar a aprendizagem escolar. Por isso,

(...) crianças precisam sim aderir regras e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os limites implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no sentido negativo: o que não poderia ser feito ou ultrapassado. Deve também ser entendido o seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, e a escola como um todo (LA TAILLE 1996, p.9).

A família e a escola devem falar a mesma língua, levando a criança a compreender a necessidade da existência de regras em todo o convívio social, estas não limitam, não intencionam privar, apenas direcionam ações que objetivem o respeito entre as pessoas. Dessa maneira,

O trabalho da escola tem uma repercussão muito maior também: não se trata simplesmente de transmitir determinados conteúdos socialmente acumulados pela humanidade: trata-se, além disso, de inserir o sujeito no processo civilizatório, bem como na sua necessária transformação tendo em vista o bem comum (VASCONCELLOS 1995, p. 33).

Como coordenadora pedagógica, tenho notado que muitos dos alunos que ingressam no 1º ano do Ensino Fundamental não tem limites, apresentando uma grande dificuldade para concentrar-se e iniciar seu processo de alfabetização, da mesma forma cada turma apresenta algum problema de indisciplina, o que aflige e exige uma ação de todos os segmentos da escola. Aquino (1996, p.7), diz que muitos distúrbios disciplinares deixaram de ser um evento esporádico e particular no cotidiano escolar para se tornarem, talvez, um dos maiores obstáculos pedagógicos dos dias atuais. Claro está que, salvo o enfrentamento isolado e personalizado de alguns, a maioria dos educadores não sabe ao certo interpretar e/ou administrar o ato indisciplinado. Compreender ou reprimir? Encaminhar ou ignorar?

Para Vasconcellos (2004), os motivos de indisciplina se originam em cinco níveis, a saber: sociedade, família, escola, professor e aluno. Partindo de uma pesquisa com professores e pais dos alunos indisciplinados, referenciando teoricamente a pesquisa, espero compreender melhor os fatores envolvidos e contribuir com a equipe da Escola em que atuo, não com receitas prontas, mas sim com propostas pedagógicas que auxiliem na prática em sala de aula, intervindo significativamente na realidade evidenciada. É necessário acabar com a prática de ficar jogando a culpa um no outro, como afirma Vasconcellos (2004), “os professores dizem que os responsáveis pela indisciplina em sala são os pais (que não dão limites), que culpam os professores (que não são competentes) e a escola (que não tem pulso firme), que culpa o sistema (que não dá condições), etc.” (p.66). Podemos conhecer os motivos individuais de cada caso de aluno indisciplinado, mas de nada resolverá saber o porquê se não houver uma ação para reverter à situação apresentada.

2. Discussão metodológica

Foram analisados três alunos do 1º e três alunos do 2º ano do ensino fundamental de nove anos da Escola Municipal Professora Judith Goss de Lima, que vêm apresentando problemas de indisciplina, oito professores foram consultados acerca das atitudes dos alunos, estes se encontram angustiados com as atitudes de alguns alunos em sala de aula, da mesma forma foi estudado o contexto familiar destes alunos para compreender melhor as causas de indisciplina. Os professores e pais foram consultados através de questionários e conversas informais, os alunos observados durante os intervalos de aula e em situações onde o professor solicitou intervenção.

A disciplina escolar remete às pautas de convívio, esboçadas a partir de rotinas, das expectativas e dos valores característicos das relações escolares, os quais balizam o que fazemos e o que pensamos sobre o que fazemos no dia a dia. (AQUINO, 2003, p.67).

Ao analisarmos as práticas pedagógicas, compreendemos a necessidade de dialogar com a diversidade, desta forma temos a obrigatoriedade de buscar respostas e interferir nas práticas existentes, sabendo da importância da teoria junto à prática, temos como desafio distinguir e compreender as teorias encoberta pela própria prática, buscando assim modificar sua forma de pensar e conseqüentemente sua atuação educacional.

Frente a essa realidade, Aquino (2003) explica que hoje é necessário ter em mente que há um conflito histórico de fronteiras entre família e escola, cujas funções ora se intercalam, ora se sobrepõem. No entanto, é preciso também que se tenha em mente que não pode haver uma continuidade necessária ou natural entre ambas as instituições, já que seus âmbitos de competência são distintos e seus raios de ação sequer são semelhantes. “Essas duas instituições são vizinhas, mas são díspares em suas práticas” (AQUINO, 2003, p.44).

Foram utilizadas coletas de dados indiretas realizadas através de consultas em livros e a documentação direta, que se valeu das entrevistas e observações. Os dados para elaboração desse artigo foram coletados da seguinte forma: - pesquisa bibliográfica: realizada em livros, dicionários, periódicos especializados, além de outras publicações, com dados relacionados ao assunto em estudo; - pesquisa de campo: realizada por amostragem com questionário para 08 professores da Escola Municipal Professora Judith Goss de Lima, formulado com 10 (dez) perguntas abertas e fechadas, as respostas obtidas foram analisadas individualmente.

As vantagens do uso do método do questionário em relação às entrevistas são (MARCONI & LAKATOS, 1996; MATTAR, 1996): utilizam-se menos pessoas para ser executado e proporcionam economia de custo, tempo, viagens, com obtenção de uma amostra maior e não sofre influência do entrevistador.

Também foram realizadas entrevistas para três alunos do 1º ano do ensino fundamental, três alunos do 2º ano, e responsáveis pelos alunos entrevistados.

Dentre as vantagens do método das entrevistas podem ser citados (BOYD & WETFALL, 1964; MARCONI & LAKATOS, 1996; MATTAR, 1996): o entrevistador pode tirar dúvidas, explicar as questões e identificar as discordâncias. Além disso, a entrevista permite um bom controle da amostra com alto índice de respostas gerando uma grande quantidade de dados.

Antes de cada entrevista, explicou-se aos entrevistados a finalidade, o objetivo da pesquisa, a importância de estarem falando realmente o que sentem e pensam, esclarecendo que seria confidencial e as informações ficaria no anonimato. Nas entrevistas, foram feitas perguntas abertas, procurando saber o que realmente cada um pensa sobre o tema do artigo. As entrevistas duraram aproximadamente 30 minutos cada e foram realizadas em um ambiente isolado contando com a presença do entrevistador e

o entrevistado. Os entrevistados foram deixados bem à vontade para exprimir sentimentos e pensamentos, e relatar características de suas vivências.

Os dados obtidos por meio das entrevistas e dos questionários objetivam trazer reflexões e argumentações sobre a indisciplina escolar, concepção de Indisciplina e ações indisciplinadas; causas, consequências e alternativas pedagógicas para indisciplina em sala de aula. Para embasar e fortalecer o estudo utilizou-se de material bibliográfico de diferentes autores. Segundo Gil (2002, p.44) “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica está no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente (idem, p.45). Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e se registrou a respeito do tema de pesquisa. Tais vantagens revelam o compromisso da qualidade da pesquisa.

3. Sistematização e análise metodológica

Das oito professoras entrevistadas, com relação ao tempo de experiência na educação, observamos, conforme a figura 1, que 75% têm um tempo de experiência maior.

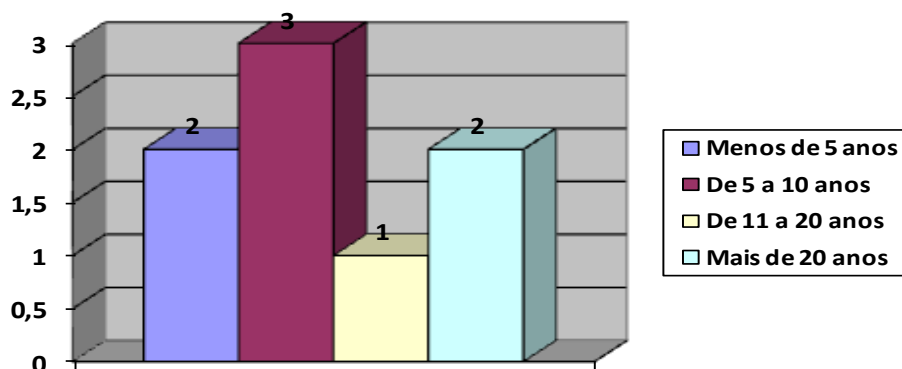


Figura 1

Como em qualquer relacionamento humano, é importante observar como pensa e age cada indivíduo. Referente à indisciplina escolar não se pode fugir deste conceito, a culpa desta não pode ser atribuída somente ao aluno ou a família.

A disciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas tanto pelos professores quanto pelos alunos para que o aprendizado escolar tenha êxito. Portanto é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola. (TIBA 1996, pag.117)

Para os 10 professores que participaram da pesquisa, Indisciplina é:

“Agressão verbal e física.”

“É quando já foram tentadas todas as alternativas possíveis e o aluno tumultua a aula, agride colegas e professores e não desenvolve nenhum tipo de atividade, por mais interessante que seja.”

“O desrespeito, a falta de limites, a falta de atenção nas aulas, bagunça.”

“É a conversa durante as explicações do professor, xingamentos entre os alunos, falta de respeito com os colegas e professor, agressões verbais e físicas.”

“Indisciplina é quando o aluno tumultua a aula, atrapalhando o seu aprendizado e dos colegas.”

“A indisciplina em minha opinião é um conjunto de atitudes que variam desde a agressividade, até a falta de vontade de fazer as atividades propostas.”

“Falta de interesse do aluno, bagunça em sala de aula, conversando, brigando.”

“Indisciplina é um comportamento anti-social que acaba prejudicando as pessoas que estão a sua volta.”

É preciso que professores dialoguem sobre indisciplina escolar, pois quando um aluno ultrapassa os limites, está infringindo as regras da escola e não somente o professor em particular. Quando a escola, ou melhor, a direção dá razão sempre ao aluno ou quando não há um estabelecimento claro de limites, este achará que pode fazer o que quiser no ambiente escolar.

Segundo as professoras, a escola pode contribuir para minimizar a indisciplina das seguintes maneiras:

“A escola pode contribuir assessorando a professora, dando sugestões, solicitando a presença dos pais, pedindo ajuda para assistente social e conselho tutelar conforme o caso, encaminhando os alunos para tratamento com profissionais da área.”

“Acho que conhecer o aluno primeiramente e identificar o porquê da indisciplina, talvez o diálogo. Se for conflito professor/aluno, cabe ao professor tentar solucionar a questão. Essa é uma pergunta difícil de responder.”

“É bem difícil, mas com orientações, conversas e até mesmo castigos para que compreendam que existem limites.”

“O diálogo com a classe, atividades adequadas que venham de encontro com as necessidades dos alunos. Encontros e discussões entre escola e família.”

“Equipe pedagógica completa com o mesmo objetivo: professor, pedagogo, direção.”

“A escola tem papel muito significativo na sociedade, mas se agir sozinha perante a indisciplina, não terá sucesso, a mesma deve contar com a influência familiar, pois não existe fórmula pronta para combater a indisciplina.”

“Através de projetos e atividades que envolvam o aluno e que ele perceba a importância da disciplina na sua vida.”

“Fazendo abordagens, diálogos, projetos.”

Um dos fatores preponderantes para a Indisciplina Escolar é o desinteresse do aluno para estudar. Questiona-se o porquê daquilo, somente para passar de ano ou para agradar os pais? Se a aula não for atrativa, que mostre sua importância, o aluno tende a bagunçar. Tiba, pág. 125: “Haverá interesse do aluno pelo conteúdo do programa escolar sempre que houver uma correlação entre este e o dia-a-dia do estudante. O professor sábio estabelece tal correlação.” O professor precisa exercer sua autoridade, ser um coordenador daquele grupo de alunos, se os alunos perceberem que isto não está acontecendo, bagunça.

Segundo os professores entrevistados, os casos mais comuns de indisciplina são:

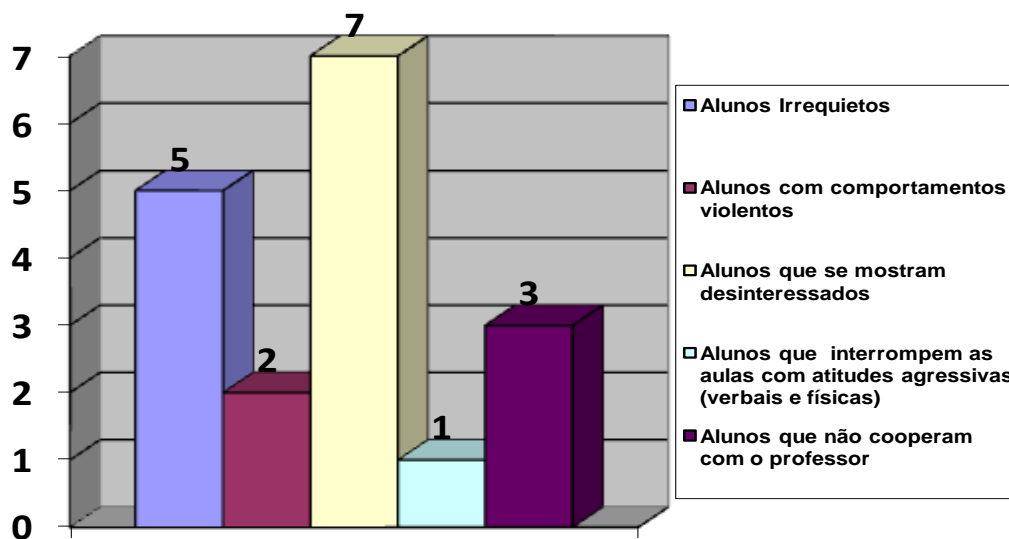


Figura 2

Observação: Dos oito professores entrevistados, cinco deles marcaram mais de uma opção.

Observamos que a maior preocupação das professoras está no fato dos alunos se mostrarem desinteressados pela aula, em conversa informal, concluímos que muitos vêm de um histórico de somente brincadeiras nos CEMEIs e descaso familiar pela importância da vida escolar do filho. Da mesma forma estão cientes que se o ambiente escolar é escuro, barulhento, abafado, pequeno ou amplo demais não contribuirá para uma boa disciplina.

Outra situação que afeta o andamento da aula são as condições psicológicas do aluno. Crianças que vêm de um ambiente de brigas, famílias desestruturadas, situações de perdas e/ou abandono, onde apanha ou é ignorado, tendem a não concentrar-se na aula, podendo ficar alheio ao que está acontecendo ou tendo comportamentos que podem oscilar para a simples bagunça ou para a agressividade, sendo usada de forma a chamar a atenção ou simplesmente tirar da cabeça momentaneamente o que o está incomodando. Cabe ao professor conhecer seu aluno e a sua situação familiar para que trace estratégias de melhorar esse convívio em sala de aula. Assim como ter empatia, interagindo com seus alunos para que a aula não seja apenas transferência de informações e sim uma construção de conhecimentos, de forma viva e empolgante.

Para os professores entrevistados os casos mais graves de Indisciplina escolar são quando o aluno se recusa a fazer as atividades e quando agride o professor e/ou colegas. O que se percebe muito hoje em dia nas famílias é a permissividade. Pais que foram educados com autoritarismo querem uma educação diferente para seus filhos, acabam permitindo tudo, tirando o não do vocabulário por um grande espaço de tempo, a tal ponto que quando forem utilizá-lo de novo, este não cumprirá a sua função, ou ainda fará com que seu filho entre em surto, pois não estará preparado para recebê-lo.

A Psicologia tem contribuído muito para isso, dizendo que pais devem ser amigos de seus filhos, não reprimindo os filhos. O que tem sido muito confundido é autoridade com autoritarismo. Muitos foram criados com autoritarismo e agora educam com “liberalismo” por receio de cometerem o mesmo erro. Pais e filhos não têm os mesmos direitos, a amizade entre eles pode e deve existir, mas antes de amigo, sou pai, preciso exercer meu papel com autoridade, estabelecendo limites, ou seja,

As intensas mudanças vividas, de maneira muito rápida, pela segunda geração tiveram um custo na educação da terceira, cujo preço, provavelmente alto, ainda não podemos estimar. Esses jovens ficaram sem noção de padrões de comportamentos e limites, formando uma geração de “príncipes” e “princesas”, com mais direitos do que deveres, mais liberdade do que responsabilidade, mais “receber” do que “dar” ou “retribuir”. (TIBA 1996, pág12)

O que grande parte dos pais não se dá conta, é que seus filhos querem agir da mesma forma na sociedade, onde as regras são outras. O mesmo muitas vezes acontece na escola, alunos que acham que o mundo gira em torno deles, quando algo não acontece da forma que espera, tornam-se agressivo, tumultuando a sala de aula. Se o professor não exercer sua autoridade, a aula estará perdida.

Outro fator apontado por (LA TAYLLE, 1996; AQUINO, 1996; REGO, 1996; ARAÚJO, 1996) como causador de indisciplina é a perda de autoridade do professor tanto no que se refere ao conhecimento, quanto à postura em sala de aula. É comum observar que nas salas em que o professor está motivado e utiliza uma metodologia que desafia o aluno estimulando-o para a produção de seu próprio conhecimento a indisciplina é pouco recorrente.

Quando questionadas sobre a possibilidade do professor ser muitas vezes ele próprio causador da indisciplina, houve algumas divergências, mas 60% concordam que o professor pode sim promover a indisciplina.

“Na maioria das vezes é o professor o causador da indisciplina, pois depende das atividades que desenvolve na sala; do jeito de tratar seus alunos e de agir nas situações de indisciplina; o professor deve ser coerente no que fala e no que faz.”

“Concordo. Quando o professor não tem autoridade perante os alunos, acaba perdendo o respeito deles, daí com certeza vai haver indisciplina na sala.”

“Concordo, muitas vezes o professor não se esforça para conhecer seu aluno, um pouco de sua vida...”

“Eu concordo, porque existem professores que batem de frente com seus alunos, não dinamizam suas aulas e ficam sempre na mesmice. Por outro lado, há ótimos professores que elaboram aulas dinâmicas e encontram resistência por parte dos alunos.”

“Discordo. A Escola deve vir acompanhada da família e a disciplina deve vir de casa, muitas vezes a escola não tem o apoio da família, os pais são os educadores.”

“Não concordo, o professor busca diversas formas de conciliar aprendizagem e comportamento do aluno.”

“Sim, se o professor não tem paciência e se irrita com qualquer coisa, acaba prejudicando o andamento das aulas. Além disso, existe aquele professor que não possui domínio de turma.”

“Bom, num olhar crítico, algumas vezes (acho poucos casos) pode ser, porque podemos falar alto demais, cobrar, não ser claros, excluindo diálogos.”

Ainda de Acordo com o autor em estudo:

Teoricamente, a família teria a responsabilidade pela formação do indivíduo, e a escola, por sua informação. A escola nunca deveria tomar o lugar dos pais na educação, pois os filhos são para sempre filhos e os alunos ficam apenas algum tempo vinculados às instituições de ensino que frequentam. (TIBA 1996, pag. 111)

Mas na prática percebemos que não é assim que sempre acontece, quando chamados pela escola, há pais que dizem não saber o que fazer com o filho, pedem ajuda para a escola. Há ainda os pais que afirmam que é a escola que não dá limites. Claro que não podemos estabelecer como regra que crianças indisciplinadas na escola, o são também em casa, há sim a falta de limites na escola, mas infelizmente esta fala foi ouvida de um pai que tem nove filhos, tendo um lar desestruturado, onde há brigas frequentes entre o casal na frente dos filhos, a mais velha (apenas com dezesseis anos) é usuária de drogas, (ressaltando que a mãe tem 29 anos de idade), sendo que o pai diz uma coisa, a mãe outra para o filho. Neste caso não se enquadra “o príncipe”, mas talvez “um ninguém”, onde não há um lugar para ele, segundo seu próprio pensamento.

Esbarramos no sistema, necessitamos de atendimento psicológico para essa criança, a fila de espera pela secretaria de Educação é imensa, visto que uma psicóloga atende 24 escolas e 14 Centros de Educação Infantil, além do empecilho da mãe, alegando ter bebê pequeno, não se dispondo a levá-lo para o atendimento, aí fica a função para a escola de levá-lo ou como tem acontecido o professor-psicólogo, tentar dar aula e contornar diversas situações indisciplinadas, pensando em fazer com que este aluno tenha um avanço na sua aprendizagem. Infelizmente podemos confirmar através dos relatos das professoras entrevistadas que muitos pais estão alheios a vida escolar do filho:

“A grande maioria acompanham seus filhos no processo de aprendizagem até o 5º ano, após muitos deixam a desejar, é onde os problemas se agravam muito mais.”

“Muitas vezes não, percebe-se pelas reuniões de entrega de boletins e pela lição de casa.”

“Não, na maioria não.”

“Algumas famílias fazem o acompanhamento, outras não.”

“Nem sempre, o que geralmente dificulta o trabalho do professor.”

“Algumas sim, dessa forma observa-se o comprometimento do aluno com a aprendizagem e a disciplina na escola.”

“Alguns, pois daqueles que realmente precisam, não aparecem na escola.”

“Na maioria das vezes esse acompanhamento é nulo, acarretando vários problemas, entre eles a indisciplina, dificuldade de aprendizagem.”

Para Tiba, (1996, pág. 112) “A disciplina é um dos pilares do crescimento civilizacional do homem e, conseqüentemente, um valor social muito importante.”. Para explicitar as Causas da Indisciplina na escola, ainda segundo Tiba, (1996) Distúrbios de ordem pessoal: psiquiátricos: neurológicos; deficiência mental; distúrbios de personalidade; distúrbios neuróticos; etapas do desenvolvimento: confusão pubertária; onipotência pubertária; síndrome da quinta série; distúrbios “normóticos”; distúrbios leves de comportamento; uso e abuso de drogas. Distúrbios relacionais: educativos; entre os próprios colegas; por influência de amigos; distorções de autoestima. Distúrbios e desmandos de professores.

Focarei em alguns deles, onde se enquadram alguns dos alunos entrevistados.

Distúrbios pessoais: Quando há distúrbios psiquiátricos, como esquizofrenia ou maníaco-depressiva, por exemplo, independem do meio ambiente e do próprio aluno,

está intrinsecamente o problema, para este seu comportamento é o certo, os outros é que estão errados. Tivemos um aluno esquizofrênico (na época ainda não havia sido fechado o diagnóstico), ele entrava em surto, jogando o que tinha nas mãos, se debatendo, alegando que visualizava pessoas que o tentavam pegar. Neste caso a família deve levá-lo a um especialista para o tratamento necessário. Não há como a escola por si só modificar este comportamento, querendo um aluno disciplinado. Um dos alunos entrevistados apresenta estes traços, para ele suas atitudes são as corretas, ouve o que a equipe pedagógica lhe fala, mas age friamente sem alterar sua expressão fisionômica ou corporal.

Distúrbios neurológicos são sintomas decorrentes de epilepsia, déficit de atenção, hiperativos ou de outras doenças. Normalmente as crianças são agitadas, inquietas, briguentas, querem terminar tudo rapidamente e depois acabam bagunçando a aula. Com tratamento e medicação adequada os sintomas são controlados. Temos uma aluna com diagnóstico de hiperatividade, está medicada e agora no 3º ano está conseguindo ser alfabetizada, havendo ainda oscilações que demandam uma atenção redobrada por parte do professor. No 4º ano temos uma aluna com Déficit de atenção, já reprovou duas vezes no 3º ano e uma no 4º ano, seu diagnóstico foi concluído em novembro de 2013, estão sendo feitos testes com medicamentos, pois ela ainda não se adequou a nenhum. Um dos alunos entrevistados está em tratamento psicológico e enfrentando a fila de espera para atendimento neurológico e confirmação do laudo de hiperatividade.

As brigas entre os colegas é uma caracterização infelizmente frequente, a criança pode estar refletindo na escola problemas familiares, por ser filha única e não ter sua vontade atendida, ou causa neurológica; mas Tiba afirma:

“Quanto menos integrada ou mais frágil psicologicamente estiver, mais problemas tenderá a encontrar na convivência escolar.” Nestes casos o professor deve ter uma atenção redobrada, pode estar ocorrendo Bullying, a vontade de tumultuar a aula e atingir o professor ou simplesmente querer sair da sala, pois sabe que o professor o levará para coordenação pedagógica ou direção. Há os casos em que os alunos se tornam violentos, ou por não ter a vontade atendida, como já citei, estão acostumados a terem tudo o que querem, ou por vivenciar a violência na própria casa, é desta forma que está habituado, portanto sua reação “normal” é a violência.

Distúrbios comuns da autoestima são a perda de limites, a auto desvalorização, o excesso de autoestima, o ego inflado, o ego murcho, o falar que vai fazer algo e não seguir adiante. Tais problemas conduzem à indisciplina e à falta de respeito pelas pessoas ou bens alheios e têm-se tornado muito sérios nas últimas duas décadas. (TIBA, 1996, pág. 153)

O aluno não pode fazer o que bem entende sem haver uma punição cabível a situação, há casos que não cabe a escola sozinha resolver, sem o auxílio da família e em muitos casos dos especialistas da área da saúde: psicólogo, psiquiatra, neuropediatra; a escola fica de mãos atadas, o Conselho tutelar e a promotoria afirmam que o aluno deve estar na escola, é seu direito garantido por lei, e o direito dos outros, dos que querem aprender? Onde estão garantidos estes direitos? Cada vez com maior frequência temos casos de esquizofrênicos, bipolares entre outros nas nossas escolas, casos que precisam ser acompanhados por uma equipe médica e multidisciplinar, mas o dia a dia mostra que o que acontece, são professores e equipe escolar tendo que dar conta da situação.

Segundo a professora entrevistada Marcia Cristina Pressendo: “A indisciplina desestrutura o meio ao qual pertencemos; pois a falta de limites de um aluno pode interferir na aprendizagem dos demais alunos; acarreta um estresse da turma e da professora.”

A família não pode delegar a educação dos filhos para a escola, pois o aluno passa por um período do dia na escola, a função de dar amor, carinho e educação cabem a ela.

Quando questionadas acerca da indisciplina ser um fator comum nas escolas e uma das maiores preocupações, depois da dificuldade de aprendizagem, as professoras entrevistadas citaram como agente causador da situação:

“O que se percebe que o agravante é a desestrutura familiar, pois se a família não é presente na vida escolar do filho é muito difícil fazer com que ele melhore.”

Muitas vezes a falta de diálogo e o autoritarismo são os principais fatores que contribuem para a indisciplina.”

“Falta de limites e regras primeiramente da família.”

“A família não impõe limites, não repassa os valores fundamentais para uma boa educação. A TV, os jogos violentos onde a criança fica exposta durante muito tempo. A falta de diálogo entre a família. A falta de estrutura familiar.”

“Muitas vezes a responsável é a família, a falta de limites em casa, às vezes a criança vive em um lar desestruturado onde os pais não se respeitam, onde há violência doméstica, assim as crianças são o reflexo da família, reproduzindo na escola o que acontece em casa.”

“Acredito que depende do caso, e ele deve ser analisado, mais a sociedade contribui, a mídia, a família...”

“Falta de limites e famílias desestruturadas ou até mesmo desinformadas.”

“Na minha visão a indisciplina é uma soma de fatores externos (família, meio social) e internos (intrínseco do próprio aluno).”

Sabe-se que a indisciplina muitas vezes prejudica a aprendizagem, afetando toda a escola e o meio social. Para minimizar a indisciplina em suas aulas, os professores responderam:

“Tento fazer atividades com que os alunos se interessem; e ao iniciar junto com os alunos organizamos as regras; é o que dá certo.”

“Muito diálogo sobre o cotidiano, principalmente notícias de violência que eles assistem ou ouvem nas redes de informação.”

“Regras na sala de aula construída coletivamente para melhor aproveitamento das aulas. Conceito de respeitar para ser respeitado.”

“Procuo fazer com que o aluno entenda a noção de limites, que o aluno tem direitos e deveres a cumprir. E acredito que deve haver empatia entre professor e aluno, não se deve descer ao nível do aluno, batendo boca, sempre agir com calma.”

“Com as regras feitas junto com os alunos, onde tem seus direitos e deveres. Com o cantinho da disciplina. Muitas vezes com amor, fazendo com que a criança tenha confiança no professor. Mas isso minimiza, não resolve totalmente.”

“Com conversas, explicando que em certos lugares estas atitudes não são permitidas.”

“Procuo conversar, fazer dinâmicas de motivação, atividades que despertem a atenção e a concentração dos alunos.”

“Com relação a esse fator, uma conversa com o aluno e responsáveis quando necessário. O professor deve cuidar também da sua conduta pedagógica, sendo claro, despertando o interesse do aluno.”

O papel da família na formação moral e psicológica do filho segundo a concepção das professoras entrevistadas:

“A família é primordial na formação integral do ser humano.”

“O papel mais importante, pois a educação vem de casa. A criança quando chega à escola já trás os valores que aprenderam desde pequenos, principalmente com os exemplos que tem no dia a dia. Pois a imposição de limites, transmissão de valores, paciência, punição quando necessária (não necessariamente bater) e principalmente muito amor, com um lar estruturado.”

“É fundamental ter uma família participativa e interessada na criança.”

“Seria o de instruir o filho desde pequeno quanto aos seus direitos e deveres, para que o mesmo saiba atuar como cidadão consciente de seus atos.”

“Essencial, pois o problema disciplinar com frequência é consequência dos conflitos familiares e do meio em que a criança vive.”

“Essencial, a família é a base para a construção da identidade da criança.”

“Tudo, pois a família é à base de qualquer cidadão.”

“A família deve ser a mola propulsora da educação dos seus filhos, dialogando, mostrando bons exemplos, oportunizando e promovendo meios para que essa formação aconteça adequadamente.”

4. Compreendendo a indisciplina a partir da realidade familiar

As entrevistas foram realizadas com as mães dos alunos, sendo 13 perguntas, dentre elas cinco objetivas e o restante descritivas, o objetivo era conhecer a vida do aluno desde o momento em que foi gerado, para assim compreender suas atitudes atuais e procurar formas de ajudá-lo a superar as dificuldades presentes. Não detalharei toda a entrevista e sim alguns tópicos relevantes para o estudo.

Analisando o nível de escolaridade dos pais, concluímos que a maioria tem um nível de escolaridade baixo, conforme mostra a figura 3:

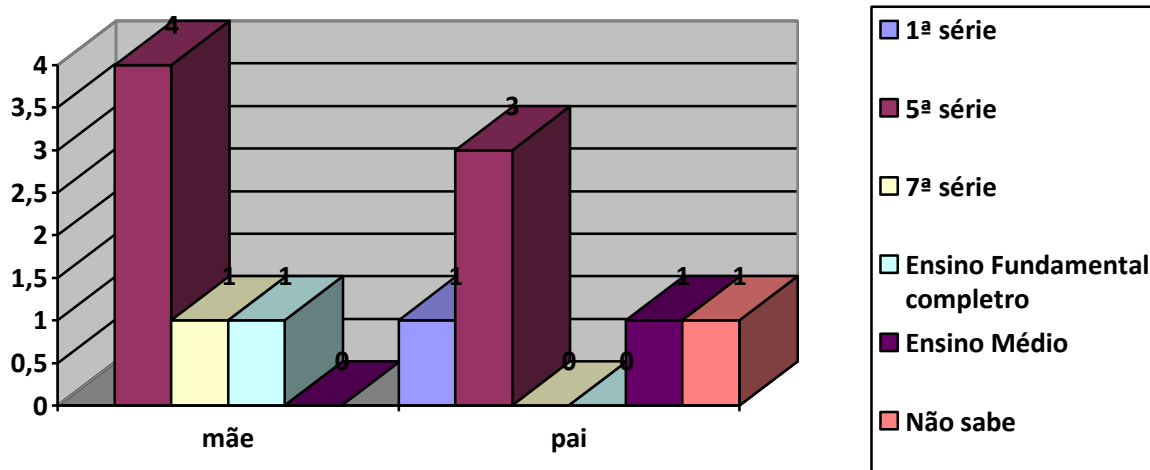


Figura 3

Em relação à com quem vive, podemos observar na figura 4, que a maioria tem os pais separados. Moram somente com a mãe, ou com a mãe e o padrasto.

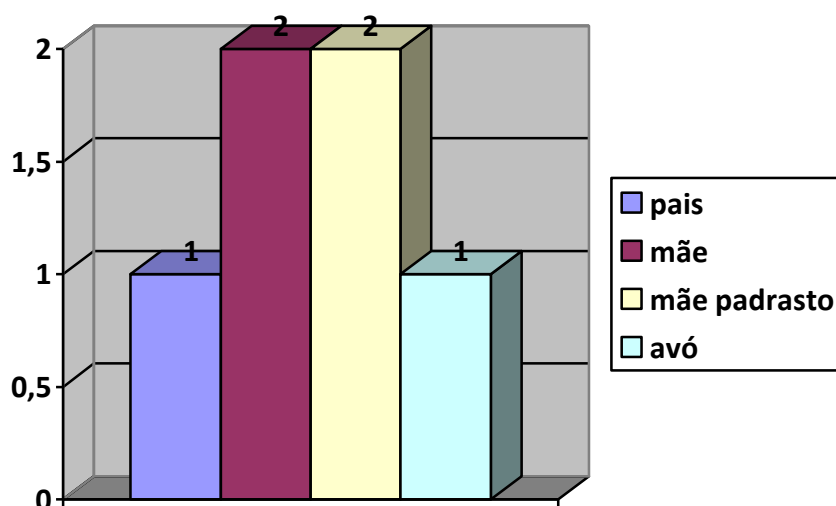


Figura 4

Quando questionadas acerca sobre a gravidez da criança ser planejada, 85% responderam que não, eram solteiras e bem jovens quando engravidaram, observe a figura 5:

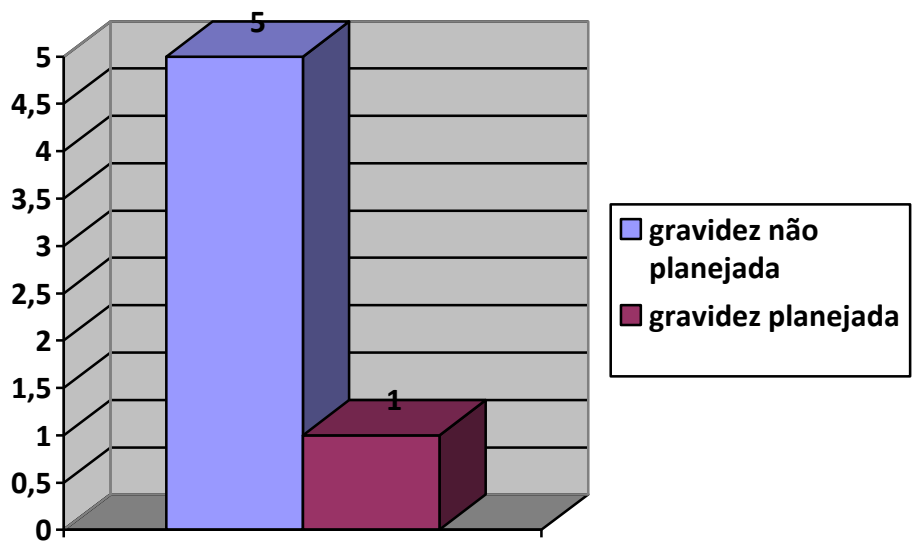


Figura 5

Conversando sobre como o (a) filho (a) é educado (a) em casa, podemos observar pela figura 6, que o diálogo entre pais e filhos, que deve ser uma constante, não é sempre praticado.

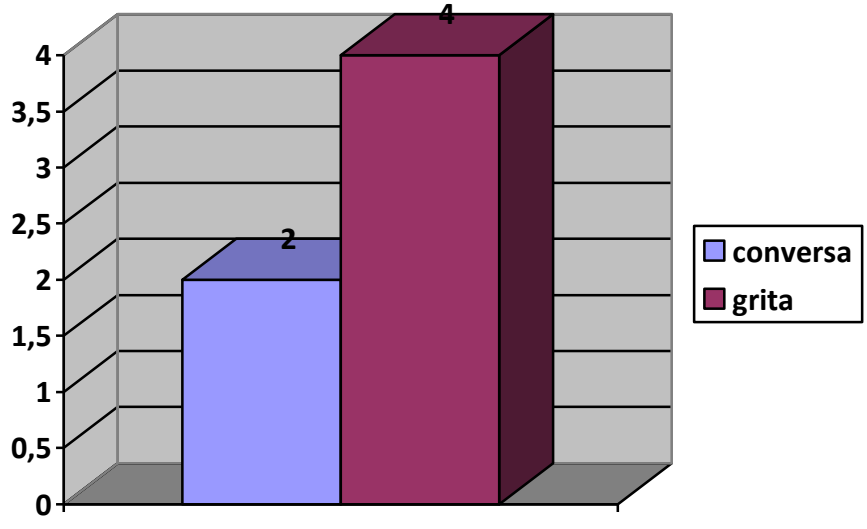


Figura 6

As mães foram questionadas sobre a criança ser independente ao realizar as atividades, como tomar banho, vestir-se, arrumar o próprio prato de comida, amarrar sapatos, dormir, etc.; observamos a figura 7:

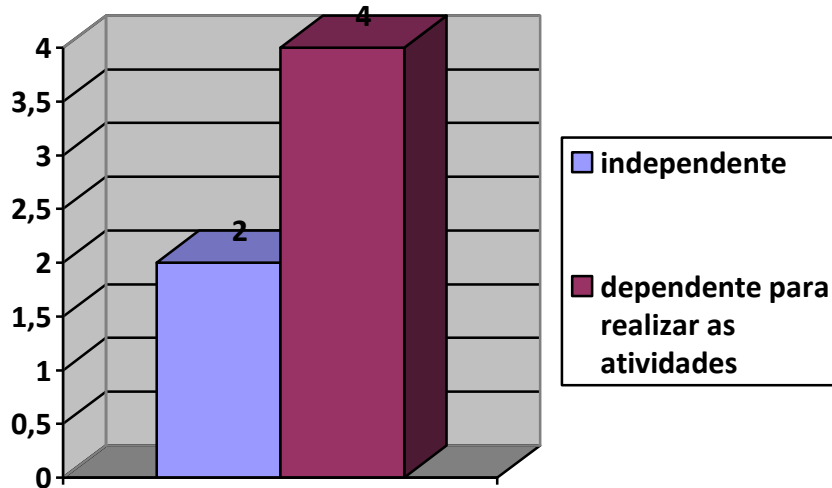


Figura 7

Procurando saber como acontece a estimulação em casa, aponto alguns dos itens pesquisados, conforme a figura 8:

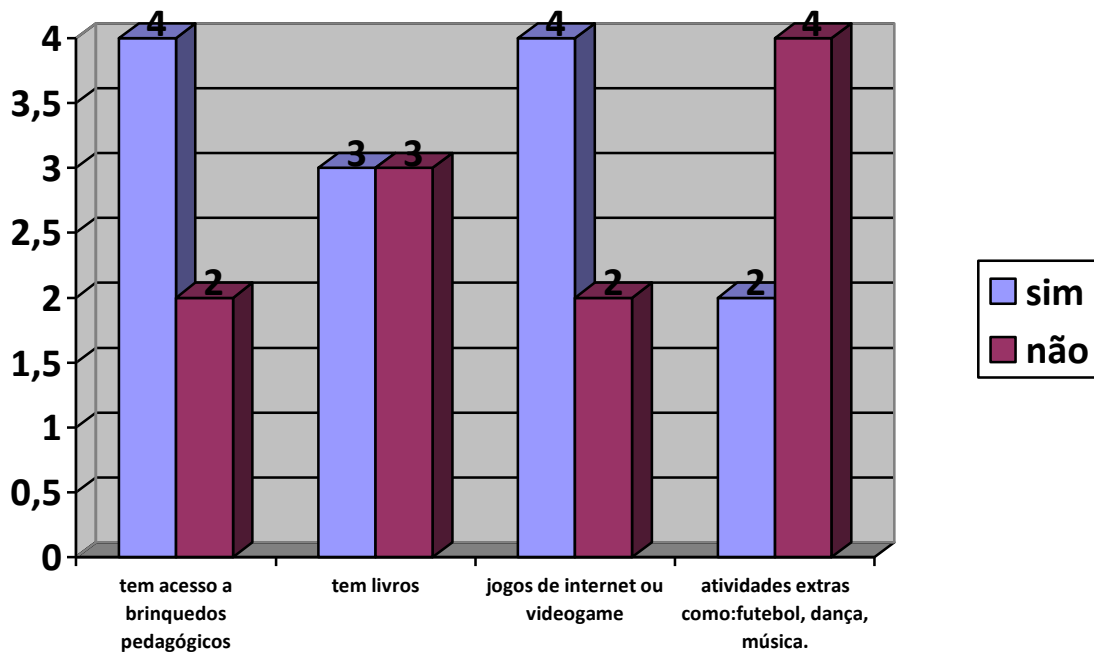


Figura 8

Buscando conhecer mais a criança, foram aplicados questionamentos sobre o sono, se há uma regra estabelecendo o horário que a criança deve dormir; se não tem medo do escuro e dorme sozinho, se tem um sono agitado, é sonâmbulo, tem dificuldades para dormir, como mostra a figura 9:

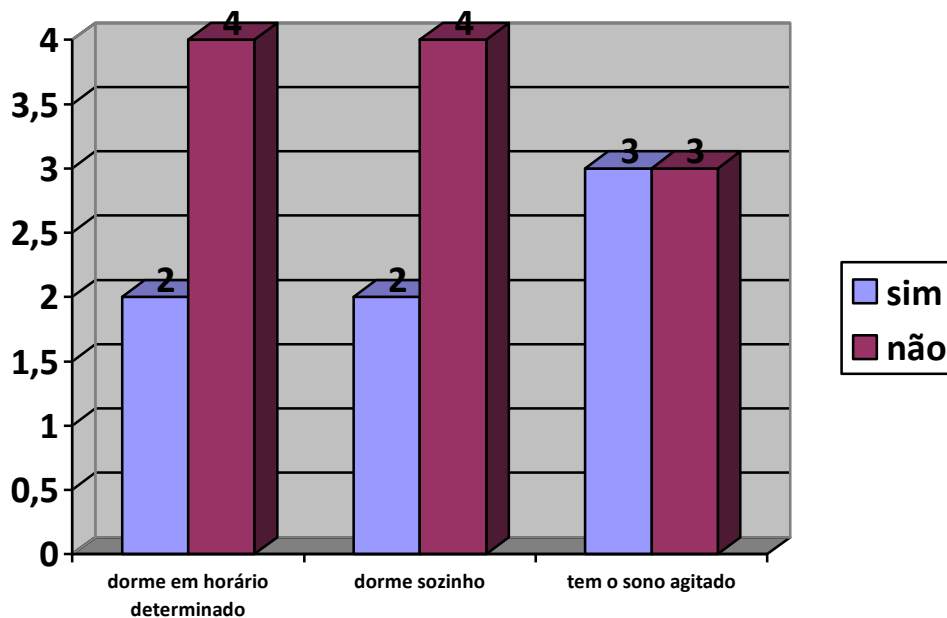


Figura 9

Conversando sobre o que o filho (a) gosta de fazer, como é sua socialização, foi solicitado que a mãe descrevesse o filho: afetuoso, introvertido, obediente, resistente, cooperador, medroso, inseguro; assinalando a característica mais forte, duas mães marcaram duas características. Somente dois itens foram assinalados. A figura 10 mostra o resultado:

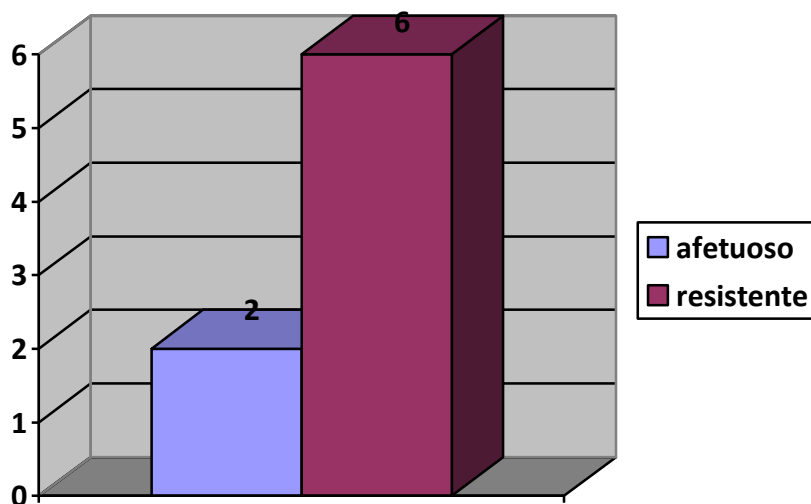


Figura 10

Observamos que todas as crianças, das quais as mães foram entrevistadas, citaram que o (a) filho (a) é resistente, quando questionadas sobre o que acontece quando o filho é indisciplinado em casa, responderam:

“Surro quando precisa, com chinelos.”

“Deixo de castigo, sem sair brincar (que é o que adora), tranco a bicicleta.”

“Tiro as coisas que ele gosta; principalmente os DVDs. Castigo, mas ele sempre escapa.”

“Converso com ela, mas não é fácil não.”

“Grito bastante, prefiro gritar, porque se bater tenho medo de machucar, fico com muita raiva.”

“Exijo, tiro alguma coisa que gosta.”

Dialogamos com as entrevistadas sobre os fatos de indisciplina ocorridos na escola e foram apresentadas algumas hipóteses pela qual esta podia ser causada, sendo que a mãe entrevistada poderia citar outro fator se assim o desejasse: pelas metodologias do professor; pelos colegas; pelas condições financeiras; por falta de

acompanhamento dos pais; por falta de organização da escola; castigos pouco severos para os alunos indisciplinados; desinteresse pela escola. Uma das mães assinalou dois itens, sendo apenas três dos itens citados pelas demais. Observe a figura 11:

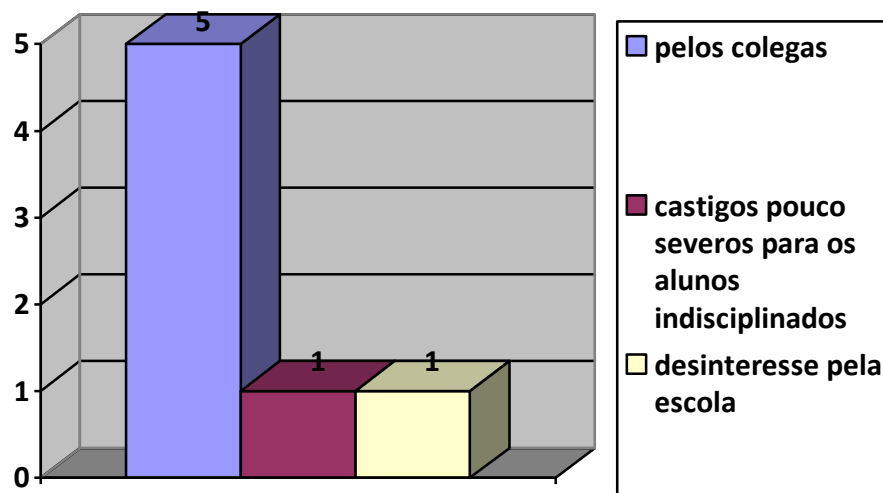


Figura 11

Para finalizar a entrevista, os pais foram questionados sobre como acreditam que a escola poderia minimizar a indisciplina, qual seria o papel da escola neste processo de construção de regras com os alunos:

“Conversa com os pais”.

“Deixar fazendo a lição de castigo, cortar a Educação Física, deixar separado não fazendo a mesma atividade.”

“Conversar bastante com os alunos e com os pais, respeito um pelo outro, a educação das crianças.”

“Deixando sem recreio e sem o dia do brinquedo.”

“Tirar o recreio, alguns casos os pais não estão nem aí para a escola, eu sempre que sou chamada estou aqui!”

“Palestras sobre a disciplina, realidade escolar, importância da escola, atitudes, lugares que acolhem as crianças que não querem estudar.”

Os entrevistados mostraram ciência da indisciplina escolar e apontam punições para que estas sejam minimizadas.

Estamos vivendo um momento social onde fica clara a necessidade de serem restabelecidos limites na educação das crianças e dos jovens. Há uma grita geral nesta direção, perpassadas por um certo consenso de que eles precisam se “enquadrar”. Frutos de uma geração de adultos que perderam os “mapas de ser pai”, e de uma sociedade altamente complexa e em profunda transformação, marcada por uma crise de valores sem precedentes, parece não haver dúvidas desta urgência (VASCONCELLOS 2004, p. 44).

Sendo assim, os pais sabem da importância de ser estabelecido um relacionamento amoroso com o filho, mas sem perder a autoridade, estabelecendo regras flexíveis e que possam ser cumpridas.

É fundamental acreditar que dar limites aos filhos é iniciar o processo de compreensão e apreensão do outro. [...] Ninguém pode respeitar seus semelhantes se não aprender quais são os seus limites e isso inclui compreender que nem sempre se pode fazer tudo o que se deseja na vida. É necessário que a criança interiorize a ideia de que poderá fazer muitas, milhares, a maioria das coisas que deseja, mas nem tudo e nem sempre. Essa diferença pode parecer sutil, mas é fundamental. Entre satisfazer o próprio desejo e pensar no direito do outro, muitos tendem a preferir satisfazer o próprio desejo, ainda que, por vezes, prejudique alguém (ZAGURY 2001, p. 17).

Não há como compreender as atitudes indisciplinadas dos alunos se não houver uma aproximação da criança, dessa forma, ela vai se sentir à vontade para expor seus sentimentos e pode até tentar explicar seus gestos impetuosos. Oferecer chances de a criança se retratar, entender o contexto em que a criança vive, por isso nesta pesquisa de campo foi tão importante ouvir o aluno indisciplinado. Foram entrevistados duas meninas e um menino do 1º ano do Ensino fundamental de nove anos e três meninos do 2º ano do fundamental de nove anos. Sendo aplicadas doze perguntas objetivas e três descritivas durante a entrevista. Esta aconteceu de forma bem informal, salientando que as crianças entrevistadas sentem amizade pela entrevistadora e, portanto sentiram-se bem à vontade para expressar seus pensamentos.

Três dos entrevistados têm mais irmãos que moram na mesma casa, os seis admitiram que tivessem atitudes indisciplinadas na escola, “de vez em quando” segundo quatro deles falaram. Todos dizem respeitar os pais e concordam com as regras impostas pela escola. Sabem que não é certo agredir alguém, mas dizem que o fazem porque os colegas começam, porque “encaram” ou porque os incomodam, em nenhum momento nenhum deles admitiu ser o próprio a iniciar a agressão.

Para eles Indisciplina é: não obedecer, não parar sentado na carteira, ficar tirando sarro, bater nos colegas, não fazer as atividades, gritar na sala de aula.

Quando questionados sobre o que acontece em casa quando não obedece, responderam:

“Batem (pais) com o chinelo, com a mão, com vara, deixam sentado no chão, o pai coloca de joelhos nas pedras.”

“Vó bate com a cinta, chinelo. A mãe nunca bate. Deixam num quarto sem lâmpada, sentado, pensando.”

“A mãe surra com vara, coloca num cantinho do quarto (jogando vídeo game), daí quando quer brincar, ela acaba deixando.”

“Coloca no quarto e chaveia a porta.”

“Grita muito e põe no quarto.”

“A mãe conta pro pai, que bate muito com a cinta, ela só grita.”

Cinco dos entrevistados falaram que a mãe vem sempre à escola, somente um disse que a mãe não tem tempo. O questionamento sobre ter bons exemplos em casa era objetivo, sim ou não, mas todos fizeram comentários:

“A mãe fuma lá fora, toma cerveja, meu irmão fala palavrão para a mãe.”

“A mãe bebe muito e fuma, rouba e vende para comprar droga.”

“O pai e a mãe bebem cerveja, o pai fuma, ele às vezes bate na minha mãe.”

“Minha mãe é bem boazinha, ela chora bastante, coitada.”

“A vó sempre diz para eu fazer as coisas certinhas.”

“A mãe gosta de tomar cerveja, às vezes me deixa tomar um gole, bem pequenininho.”

Os seis entrevistados responderam que a indisciplina escolar acontece porque os alunos incomodam muito uns aos outros, um respondeu que a mãe e o pai não dão educação e um deles afirmou que é porque não deve gostar da escola (o aluno indisciplinado, neste caso referiu-se a outro).

Todos afirmaram que a escola é muito importante, para aprender, saber ler e escrever, para ser inteligente, para passar de ano.

A conversa foi concluída com o questionamento acerca de como a escola pode melhorar a indisciplina:

“Colocar de castigo, numa sala, cadeado.”

“Levar para o conselho tutelar, chamar pai e mãe, deixar sem educação física.”

“Deixar sem recreio, sem lanche.”

“Chamar o pai e a mãe.”

“Deixar sem recreio, de castigo.”

“Deixar sem educação física e sem lanchar.”

A indisciplina não poderá ser resolvida isoladamente pela escola, há a necessidade de família e escola se unirem para tal, buscando respaldo na área da saúde, conselho tutelar e outros que se fizerem necessário. Os alunos entrevistados, assim como os pais expressaram seus pensamentos sobre a importância do cumprimento de regras. “O disciplinador é aquele que educa, oferece parâmetros e estabelece limites.” (REGO, 1996).

Se desejarmos intervir na realidade educacional, devemos conhecer a realidade em que os alunos vivem, os impasses que vivenciam e como podemos contribuir para melhorar a situação apresentada.

As sanções não podem ser tomadas como mecanismos de exclusão da clientela do jogo escolar, pelo contrário, se prestam a inclusão de todos. É tarefa dos educadores garantirem uma escola de qualidade para todos, indisciplinados ou não. A inclusão, pois, passa a ser o dever prioritário de todo professor preocupado com o valor social de sua prática e, ao mesmo tempo, com compromisso e competência profissional (AQUINO 1999, p. 45).

O aluno rotulado de “indisciplinado”, ou seja, que não obedece as normas, não é simplesmente um problema, mas um real desafio à capacidade educativo-pedagógica de toda a escola, assim como da comunidade escolar como um todo.

À guisa da conclusão

Vimos que a escola, atualmente tem enfrentado muitas dificuldades no desenvolvimento das práticas escolares, devido ao fator indisciplina, e que esta vem ocorrendo com maior evidência nos primeiros anos do fundamental I.

Os alunos entrevistados mostraram que não tem uma vida regrada em casa, ficando visível a falta de estrutura familiar na maioria dos casos. Os pais, na maior parte, sabem que o filho é indisciplinado, mas culpam os colegas de sala de aula que o “incomodam” e o levam a ser indisciplinado. Os professores participantes desta pesquisa citaram várias situações que mostram a indisciplina, mas não tem certeza de como podem minimizá-las, estão cientes que não há uma mágica que possa erradicá-la, compreendem que o meio mais eficaz é conhecer a realidade do aluno, sua história de vida, seus valores, se aliar aos pais para minimizar os problemas. Portanto, é imprescindível refletir sobre sua própria prática frente à indisciplina em sala de aula e junto com a equipe da escola fazer os encaminhamentos quanto se fizerem necessário.

O referencial teórico que embasou este trabalho permitiu a visualização do quão complexo é o assunto estudado.

A Indisciplina sempre existiu e sempre existirão situações de indisciplina em sala de aula, enfrentar e superá-las é nosso grande desafio, nos aliando, dialogando e buscando alternativas: através de formações, estudos e troca de experiências que visem melhorar o dia a dia na escola.

Acredito que a família e a escola têm a incumbência no processo de construção dos limites na criança. Percebo que os pais têm muitas dúvidas sobre como educar os filhos, não compreendem a hora de dizer o não, estabelecendo regras a serem cumpridas. Alguns professores afirmam que os limites devem ser estabelecidos em casa e não na escola, claro que é um trabalho conjunto, mas cabe a escola determinar quais são as regras que devem ser seguidas e fazer com que sejam cumpridas. Outro fator preponderante é a constante parceria entre escola e família, os pais não devem ser chamados a escola somente quando o filho tiver algum problema, este fator acaba sendo desgastante para ambos.

É importante que família escola mantenha um trabalho coletivo, que as duas instituições estejam abertas ao diálogo, auxiliando desta forma o desenvolvimento integral do aluno/filho.

Referências

AQUINO, J. G. *Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas*. 2. ed. São Paulo: Samsuns, 1996.

BOYNTON, M. BOYNTON, C. **Prevenção e resolução de problemas indisciplinados**: guia para educadores. Porto Alegre: Artemed, 2008.

COBIANCHI, Emerson Luis. **Indisciplina na Escola, uma abordagem investigativa**, Cornélio Procópio, PR, 2009, encontrado em http://www.esab.edu.br/arquivos/monografias/Monografia_Emerson%20Cobianchi.pdf

DADAS, Fabiana J. **Educar pode ser fácil**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2012.

GARCIA, J. **Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, nº 95 jan./abr. 1999, p. 101-108.

PAGGI, Karina Preisig, GUARESCHI, Pedrinho A. **O desafio dos limites: um enfoque psicossocial na educação dos filhos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

REGO, T. C. R. **A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva Vygotskiana**. São Paulo: Vozes, 1995.

TAILLE, Yves de La. **Limites: Três Dimensões Educacionais**. Ática, 1998

TIBA, Içami. **Disciplina, limites na medida certa**. São Paulo: Editora gente; 1º Ed, 1996.

_____ **Disciplina: Limite na medida certa: Novos paradigmas**. 79. ed. São Paulo: Integrare, 2006.

VASCONCELOS, C. dos Santos **.Indisciplina e disciplina escolar**. Editora Cortez, 1995

_____ **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1993.